

## UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O SEMINÁRIO

Marilúcia dos Santos Domingos STRIQUER<sup>1</sup>  
Felipe da Silva MENDONÇA<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer os elementos que formam o gênero textual seminário. Para tanto, tomamos como aporte teórico-metodológico os preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo e utilizamos como categoria o procedimento de análise de textos elaborado pela referida corrente teórica, a fim de identificar, conhecer e contabilizar todas as características específicas e relativamente estáveis do gênero em questão. Para isso, analisamos três exemplares do gênero seminário, disponíveis na *web*, no *site* YouTube; seminários produzidos por alunos de dois cursos, o de Letras e o de Direito, de duas instituições de ensino superior. Os resultados apontaram qual a esfera e a função sócio-comunicativa da qual faz parte o seminário e os elementos que formam o contexto de produção e a infraestrutura textual do gênero.

### PALAVRAS-CHAVE

Seminário; Gêneros textuais; Interacionismo Sociodiscursivo.

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem. Professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: marilucia@uenp.edu.br

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID Letras/Português, campus Jacarezinho. E-mail: felipeh\_mendonca@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O seminário é um gênero textual frequentemente utilizado na esfera escolar/acadêmica, uma vez que sua função sócio-comunicativa é de ser uma ferramenta pedagógica que possibilita abordagem ao conteúdo específico a ser tratado em uma disciplina (ANDRADE, 2010) em um formato diferenciado do padrão em que o professor cumpre o papel de mediador entre os alunos e os conhecimentos teóricos/científicos. Logo, o seminário pode ser considerado uma metodologia de ensino e aprendizagem que promove outros modos de estudos que vão além da tradição de sala de aula, como estudo em grupo, debates regrados, sendo, segundo Goulart (2005) um importante instrumento de internalização de conhecimento. Também é uma ferramenta de avaliação para o professor da aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos estudados.

Nesse sentido, a modelização do seminário se faz importante para o conhecimento das características que envolvem o funcionamento e a estrutura do referido gênero, pois pode possibilitar que os docentes tenham uma melhor dimensão de como esse gênero pode ser trabalhado em sala de aula, e para que os discentes tenham a oportunidade de estruturar melhor seus seminários, diminuindo as inseguranças que geralmente envolvem o ato da exposição oral em sala de aula por parte dos alunos.

Assim, em busca de conhecer os elementos que formam o gênero textual seminário, tomamos como aporte teórico-metodológico os preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo, e analisamos três exemplares do gênero seminário, disponíveis na *web*, no *site* YouTube; seminários produzidos por alunos de dois cursos, o de Letras e o de Direito, de duas instituições de ensino superior.

## 2 A PROPOSTA DE ANÁLISE DE TEXTOS

Em 1980, pesquisadores do Grupo de Genebra<sup>3</sup> elaboraram a corrente teoria denominada Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), a qual tem entre seus objetivos

---

<sup>3</sup> Trata-se de um grupo de pesquisa liderado por Jean-Paul Bronckart e com integrantes de várias áreas do conhecimento, como linguística, filologia, ciências da educação, filosofia e psicologia, vinculados à Unidade de Didática e Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, Suíça (STRIQUER, 2014).

estudar “os processos que envolvem a organização estrutural e o funcionamento de textos” (STRIQUER, 2014, p. 314). Após análises de diversos textos e inúmeras pesquisas, o grupo elaborou uma grade de análise que são procedimentos que permitem um pesquisador identificar, conhecer e contabilizar características específicas e regulares, o que Bakhtin (2003) denomina de elementos relativamente estáveis, que ocorrem nos gêneros textuais. Tais características, de acordo com Bronckart ([1999] 2009 apud STRIQUER, 2014), ideias originárias de Bakhtin (2003), variam de acordo com fatores como a situação imediata de comunicação, que é o contexto onde ocorre a interação; com os agentes participantes; com o objetivo da interação, com a formação discursiva ou campo na qual está inserido o gênero. É nesse sentido que, de acordo com o autor, o texto é concebido como um correspondente empírico que “pode assumir diferentes formas, também chamadas de diferentes espécies de texto, os quais passam a receber a denominação de gêneros textuais” (BRONCKART, [1999] 2009 apud STRIQUER, 2014, p. 215).

Sob essas concepções, o procedimento de análise de textos, elaborado por Bronckart ([1999] 2009 apud STRIQUER, 2014), sugere que as análises partam sempre das considerações das atividades sociais às atividades de linguagem, promovendo que o pesquisador conheça tanto o contexto de produção quanto a forma, o funcionamento e a organização de um texto, levando em conta que as unidades linguísticas fazem parte da conduta humana (STRIQUER, 2014). Por isso, o procedimento de análise acontece em duas etapas, primeiro o pesquisador analisa as condições de produção de um texto e só depois os elementos que formam a arquitetura interna.

As condições de produção devem ser analisadas em três aspectos: os parâmetros do mundo físico, os parâmetros do mundo sociossubjetivo e o conteúdo temático do texto. De acordo com Striquer (2014), os parâmetros do mundo físico envolvem o emissor do texto, o receptor, o espaço físico em que o texto é produzido e o seu momento de produção. Já os parâmetros do mundo sociossubjetivo envolvem as seguintes questões: qual a posição social do emissor? Qual o papel social do receptor? A interação ocorre em qual esfera social? Qual o objetivo da interação? (STRIQUER, 2014). O conteúdo temático, como é proposto por Bakhtin (2003), é o

elemento constituinte dos gêneros discursivos que vai orientar como a construção composicional e o estilo se articulam, para que esse tema possa ecoar.

A arquitetura interna do texto é formada pelo que Bronckart (2003 apud BARROS, 2012) denomina de folhado textual: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Segundo Striquer (2014), a infraestrutura geral possui: a) Plano geral do texto: consiste na organização geral do conteúdo temático, ou seja, é a estrutura em que o texto se apresenta; b) Tipo de discurso: os discursos se organizam por meio das formas linguísticas específicas que participam da composição de cada gênero, assim como, do contexto em que estão inseridos. São quatro tipos de discurso: 1) Narração: ocorre quando o tema de um texto está associado a um momento do passado ou do futuro, seja ele histórico ou imaginário, nesse sentido, Striquer (2014) completa que "a organização do discurso acontece a partir de marcas de uma disjunção entre o mundo discursivo e as coordenadas que envolvem o emissor, o receptor, ao lugar e ao momento físico da produção do texto" (STRIQUER, 2014, p. 317), por exemplo: ontem, um dia, naquele tempo, uma vez, etc.; 2) Discurso interativo: ocorre quando o tema está associado ao emissor, ao receptor e ao lugar ou momento de produção, seja de forma direta ou indireta, e, nesse caso, há uma conjunção entre o conteúdo temático e as coordenadas. Para isso, o emissor utiliza recursos para interagir diretamente com seu receptor, a saber: nesse momento, posto isso, para tanto, etc.; 3) Relato interativo: ocorre quando o tema não está relacionado ao emissor e, nesse caso, há conjunção entre o mundo discursivo e o mundo das personagens do texto, ou seja, "é o discurso das personagens participantes da interação que é apresentado" (STRIQUER, 2014, p. 318); 4) Discurso teórico: ocorre quando há conjunção entre o mundo discursivo e o emissor, porém o tema pode ser compreendido sem referenciarmos o emissor durante o texto.

Outro elemento da infraestrutura é a sequencialidade que consiste na organização sucessiva ou linear do conteúdo temático. De acordo com Adam (1990 apud STRIQUER, 2014) existem cinco sequências: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. No entanto, Bronckart ([1999] 2009 apud STRIQUER, 2014) apresenta também a sequência de textos institucionais ou procedimentais e Baltar (2007 apud STRIQUER, 2014) posteriormente elenca a sequência do poetizar.

De acordo com Striquer (2014), os mecanismos de textualização configuram articulações hierárquicas, lógicas e temporais que ajudam na construção do conteúdo temático, desse modo, os recursos linguísticos que fazem parte desses mecanismos variam de acordo com os tipos de discursos presentes em um texto. Os principais mecanismos são: a) conexão: organiza o plano geral do texto, os tipos de discurso e as frases de uma sequência; b) coesão nominal: “introduz temas, personagens e asseguram a referência e a progressão textual” (STRICHER, 2014, p. 320); c) coesão verbal: organiza o tempo e a hierarquia dos acontecimentos por meio dos tempos verbais.

Os mecanismos enunciativos, conforme Bronckart ([1999] 2009 apud STRICHER, 2014), auxiliam na coerência pragmática do texto e, para isso, expõem os julgamentos, as opiniões e os sentimentos que podem ser levantados sobre um conteúdo temático, assim como, as fontes dessas avaliações. Segundo Striquer (2014), os mecanismos se apresentam por meio de instâncias enunciativas: a) Vozes expressas no texto: são responsáveis pelo que é enunciado e divididas em três conjuntos: 1) voz do autor empírico: se apresenta na origem da produção textual e manifesta comentários e avaliações sobre o conteúdo temático; 2) vozes sociais: estão ligadas as vozes “de pessoas ou instituições sociais que não são agentes dos acontecimentos, mas são mencionadas por realizarem avaliações sobre o conteúdo temático.” (STRICHER, 2014, p.321); 3) vozes de personagens, pessoas ou instituições: são consideradas agentes dos acontecimentos; b) Modalizadores: são responsáveis pela tradução dos comentários e avaliações manifestados pelas vozes sobre o conteúdo temático. Dividem-se em quatro funções: 1) modalizações lógicas ou epistêmicas: o conteúdo temático é apresentado pelo emissor como verdadeiro, certo, provável e, desse modo, estão relacionadas ao julgamento humano e situadas no eixo do conhecimento (HOFFMANN; SELLA, 2009 apud STRICHER, 2014); 2) modalizações deônticas: quando as avaliações sobre o conteúdo temático estão pautadas em valores sociais e regras do mundo social, sendo vistas como aceitáveis, desejáveis, etc. (STRICHER, 2014); 3) modalizações apreciativas: quando as avaliações ocorrem de forma subjetiva, pelo ponto de vista do avaliador; 4) modalizações pragmáticas: segundo Striquer (2014, p. 322), ocorrem “quando as avaliações contribuem para a responsabilização de um agente, sobre o poder-fazer do agente,

de sua intencionalidade, suas razões e capacidades de ação. Explica as intenções do agente”.

### **3 O GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO E O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE TEXTOS**

Para realizarmos o procedimento de análise de textos proposto pelo ISD, selecionamos três exemplares do gênero seminário, disponíveis na *web*, no *site* YouTube. Seminários produzidos por alunos de duas instituições de ensino superior: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Faculdade Reges de Dracena. Dois grupos são formados por alunos do curso de Letras da UFSC que, durante a aula de Literatura Ocidental I, realizam suas apresentações tendo como tema os períodos literários Romantismo e Realismo, sendo que ambos dão ênfase à análise do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis. Já os alunos da Faculdade Reges Dracena cursam Direito e, durante a aula de Direito Civil, abordam o tema coação<sup>4</sup>.

Primeiramente, ao analisarmos as condições de produção dos três exemplares, constatamos que os emissores físicos do gênero (STRIQUER, 2014) são alunos de cursos de graduação que, no momento do seminário, o que chamamos também de apresentação, assumem o papel social de especialistas no assunto/conteúdo em questão (DOLZ et al., 2004 apud ANDRADE, 2010), com a intenção de obter nota em uma disciplina ou promover um debate sobre determinado conteúdo da disciplina. Já o receptor físico (STRIQUER, 2014) se configura por um conjunto: são os alunos presentes em sala de aula, os quais Chaves (2008) denomina de plateia, e além deles o professor da disciplina, o qual, de acordo com a função do gênero, como mencionado, continua sendo o responsável pelo conteúdo do que está sendo exposto, sendo assim um avaliador da apresentação (CHAVES, 2008).

O espaço físico (STRIQUER, 2014) em que o seminário é produzido é a sala de aula de uma instituição de ensino e, devido a isso, o momento de produção (STRIQUER, 2014) se dá durante a aula de alguma disciplina, sendo que as apresentações devem se encaixar, não apenas no período de duração da aula, mas também, no tempo estipulado pelo professor para cada apresentação.

---

<sup>4</sup> Os seminários foram divulgados por meio de vídeos no *site* de compartilhamento de vídeos YouTube. Disponíveis em: [https://www.youtube.com/watch?v=N6ar\\_sxu2uE&t=39s](https://www.youtube.com/watch?v=N6ar_sxu2uE&t=39s) Acesso em: 03 de mar. 2017; <https://www.youtube.com/watch?v=OIAxNCJkeeg> Acesso em: 03 de mar. 2017; <https://www.youtube.com/watch?v=LZpn6OdRzr8&t=1s> Acesso em: 03 de mar. 2017.

Tais configurações do emissor e receptor físico e seus papéis sociais, o lugar e o espaço em que ocorre o seminário, portanto, refletem a esfera social da qual participa o gênero: a esfera escolar/acadêmica, assim como define Bakhtin (2003); configurando o gênero dentro do objetivo de abordar um novo conteúdo ou para o aprofundamento de um já em trabalho, conforme defende Andrade (2010), e de ser uma ferramenta para a obtenção de nota em uma disciplina, por parte do aluno e de avaliação por parte do professor; promotor de debate; momento de internalização de conteúdos (GOURLART, 2005). Vale ressaltar que, o conteúdo temático (STRIGUER, 2014) do seminário, como posto, está diretamente ligado a um assunto da disciplina, ou seja, trata um tema que, em algum momento, deve ser abordado na disciplina (CHAVES, 2008). Nos exemplares analisados, os alunos do curso de Letras, durante uma aula de Literatura Ocidental, abordam dois períodos literários, ao fazer a análise de um conto; já os alunos de Direito abordam o tema coação, um assunto relacionado aos direitos civis, logo, como o seminário acontece na disciplina de Direito Civil, o tema do seminário é um tópico relacionado ao conteúdo programático da disciplina.

Acerca da arquitetura interna do gênero seminário, o plano geral (STRIGUER, 2014), pautando-nos nos preceitos de Chaves (2008), é dividido em três etapas: a) a etapa pré-expositiva; b) a etapa expositiva; c) a pós-expositiva. Em nosso *corpus* constatamos a etapa a) pré-expositiva: durante as apresentações é possível notar que os alunos além de se posicionarem como especialistas do assunto, se articulam de maneira organizada, dando oportunidades para que cada integrante tenha um momento de fala, bem como, todos os grupos realizam as exposições com o auxílio de materiais didáticos como *slides* e anotações/rascunhos em mãos. Isto é, fica explícito que os alunos realizaram pesquisas e estudos antes da apresentação dos seminários.

Para que os alunos pudessem chegar a esse resultado, ou seja, para pôr em prática essa etapa pré-expositiva, Chaves (2008) elenca algumas atividades que auxiliam nesse processo, a saber: pesquisar o tema em livros, artigos, *internet*, entre outros suportes; fazer uma triagem das informações disponíveis; organizar as informações selecionadas de maneira coerente; produzir um texto, a partir das informações pesquisadas, resumindo o assunto; preparar um roteiro de exposição em

forma de tópicos e/ou palavras-chave; ordenar as etapas de exposição; preparar o material de exposição (*slides*, vídeos, fotografias, gráficos, cartazes, etc.) e, por fim, construir um texto em prosa para que seja oralizado.

Já a etapa b) expositiva, ou seja, o momento de apresentação propriamente dita do seminário, segundo Chaves (2008), seguindo um modelo criado por Dolz (1998/2004), acontece do seguinte modo: o seminário deve ter um momento de (1) Abertura: o professor apresenta o aluno/grupo como especialista no tema em questão. Nesse momento, o professor assume o papel de mestre de cerimônia, transferindo ao aluno/grupo o papel de especialista no assunto. O segundo momento é a Tomada da palavra (2): consiste no primeiro contato que o aluno/grupo tem com a plateia, o que ocorre por meio da saudação aos interlocutores; a Introdução ao tema (3) é feita quando o expositor informa sobre o tema do seminário à plateia, o enfoque que será dado e a importância do assunto - a finalidade é despertar o interesse da plateia; a Apresentação do plano de exposição (4) é quando o expositor esclarece à plateia como será organizada a apresentação; o Desenvolvimento do tema (5): o aluno/grupo faz a exposição seguindo o roteiro planejado; a Recapitulação e Síntese (6): o aluno/grupo faz uma síntese dos principais pontos da apresentação; a Conclusão (7): o aluno/grupo pode encerrar dando o parecer de um perito no assunto ou a partir de suas próprias considerações sobre o assunto ou, até mesmo, concluir de maneira que o assunto fique aberto para futuras discussões; o Encerramento (8): é o fim da apresentação, isso deve ficar claro ao público no momento em que o aluno/grupo agradece a atenção da plateia e se coloca à disposição para perguntas.

Dentro dos exemplares selecionados observamos que todos os grupos estruturaram suas exposições de maneira parecida com o que é proposto por Chaves (2008), uma vez que executaram as etapas de 2 a 8, embora não o tenham feito exatamente como a proposta de Chaves (2008) sugere. A saber, em nenhum dos três seminários foi apresentada a etapa de Abertura (1), ou seja nenhum dos professores apresentou os expositores, eles mesmo é que executaram esse papel; apenas um grupo do curso de Letras, de maneira muito breve, deu espaço para a etapa da Recapitulação e Síntese (6), momento de realização de uma síntese dos principais pontos da apresentação; de forma geral, os alunos de Letras abordam as etapas da

Tomada da palavra (2), da Introdução (3) e da Apresentação do plano de exposição (4) de maneira quase que simultânea, sem um momento de atenção especial para cada uma dessas etapas, porém, a execução da saudação (2), a apresentação do tema (3) e a organização da apresentação (4) foram realizadas; os momentos de Desenvolvimento do tema (5) e o da Conclusão (7) recebem a maior parte da atenção dos expositores; já o Encerramento (8) aconteceu de forma abrupta, apenas com a informação do término do seminário e com o agradecimento, nenhum dos grupos abriu espaço para perguntas e, por consequência, para a parte c) pós-expositiva (CHAVES, 2008).

No caso dos alunos/grupo do curso de Direito, eles reservam uma atenção maior ao momento da Tomada da palavra (2), aproveitando-o para esclarecer que aceitam questionamentos durante o momento de Desenvolvimento do tema (5); apresentam uma breve Introdução ao tema (3) e já dão início ao Desenvolvimento (5), sem mostrar a Apresentação do plano de exposição (4); a Conclusão (7) é executada de forma muito breve e o Encerramento (8) se dá apenas com a informação do término da exposição. Cabe ressaltar que a interação com o professor e a plateia que, de acordo com Chaves (2008), deveria acontecer na parte pós-expositiva, no seminário apresentado pelos alunos de Direito, acontece durante o Desenvolvimento do tema (5), com professor em muitos momentos tecendo comentários sobre os exemplos dados pelos alunos para elucidar os tipos de coação.

Dentro da estrutura exposta, ou da organização do plano geral, o tipo de discurso organizador do conteúdo temático não ocorreu de forma estanque, houve um entrelaçamento da predominância do discurso interativo e do discurso teórico (STRIQUER, 2014), uma vez que o conteúdo temático dos seminários está diretamente ligado aos interlocutores da interação e ao momento de produção do texto, ou seja, no seminário os emissores, como posto, assumem o papel de especialistas no conteúdo que está sendo tratado, e a plateia é quem deve aprender o conteúdo em questão. Assim, as marcas linguísticas do discurso interativo empregadas no *corpus* são, por exemplo: "vamos falar", "acredito eu", "aqui demonstra", "aqui temos", "primeiro nós vamos ver", "a gente pode citar", "a gente vai falar", "introduziremos o assunto", "vou falar", "como a gente falou", etc. Marcas, portanto, que evidenciam a interação entre os interlocutores.

Já os recursos linguísticos que sinalizam o discurso teórico acontecem no momento que os expositores abordam a teoria/assunto tratado no seminário, por exemplo, no caso dos alunos de Letras, quando fazem referência à teoria literária; e quando os alunos de Direito apresentam o que é a coação e como ela se relaciona com os direitos civis. Nesses momentos, portanto, não existe a necessidade da referenciação aos interlocutores da interação, isto é, da interação entre os participantes do seminário, mas sim um discurso que referencie a teoria em abordagem, por esse motivo, o discurso empregado foi o teórico (STRIQUER, 2014).

Vale salientar que segundo Goffman (1987, p. 178 apud GOMES-SANTOS, 2012, p. 90), existem “três maneiras de animar as palavras: a memorização, a leitura oral e a fala espontânea”, e, de acordo com Gomes-Santos (2012), é comum, nesse tipo de estruturação de um discurso oral, que é o seminário, que os alunos comecem uma exposição realizando leitura oral e, na medida que se familiarizam com o gênero, evoluam para a memorização, até, enfim, chegarem a fala espontânea. Nos exemplares analisados foi possível observar todos esses estágios. Sendo preciso destacar que, um dos grupos do curso de Letras, composto por cinco alunos, quatro dos acadêmicos realizam o seminário apenas por meio da leitura oral de suas anotações e uma discente alternou entre a leitura oral e a memorização das anotações. Devido a isso, não foi possível identificar qual o tipo de discurso predominante nessa apresentação, pois ao ler anotações ou trechos do conteúdo em abordagem, os alunos fogem da função sociocomunicativa do gênero, nem interagindo nem teorizando, predominantemente fazem leituras.

Na organização sequencial que forma o conteúdo temático do seminário, a sequência explicativa (STRIQUER, 2014) é a que prevalece, pois ao longo das exposições os discentes explicam o conteúdo a partir de suas interpretações dos conceitos teóricos. Desse modo, procuram explicar para a plateia o conteúdo teórico estudado na etapa pré-expositiva (CHAVES, 2008) e, para isso, utilizam exemplos de como o conceito é aplicado à realidade e fazem leitura de trechos de textos teóricos/literários seguido da explicação de um dos integrantes do grupo, que elucida de outra maneira, a fim de tornar o conteúdo mais claro à plateia. Por exemplo, os alunos do curso de Letras, por estarem utilizando como eixo organizador do conteúdo teórico um conto de Machado de Assis, articulam suas explicações a

partir da leitura de trechos do conto, o que os auxilia na introdução da explicação que desejam realizar. Já os alunos do curso de Direito optam por exemplificar, por meio de situações hipotéticas, como os tipos de coação ocorrem em nossa sociedade. Mais uma vez, não foi possível identificar o que predomina no grupo dos acadêmicos de Letras que realizam a leitura de textos durante quase toda a apresentação, afinal, não há como saber se esses textos foram escritos por eles a partir da leitura de textos teóricos, se são explicações construídas pelos alunos ou se são os próprios textos teóricos que utilizam para estruturar a exposição.

Os mecanismos de textualização (STRICKER, 2014) são essenciais para a organização do plano geral do gênero. Chaves (2008) aponta que, a dimensão das características linguísticas é o que permite ao expositor realizar uma apresentação coerente, fluída e dentro do tempo estipulado pelo professor. Assim, a autora apresenta algumas marcas linguísticas frequentemente presentes no gênero seminário, a saber:

a) Na organização temporal e espacial do discurso expressões como: primeiramente, em seguida, nesse momento, depois, por fim;

b) No emprego dos tempos verbais, expressões: antes do desenvolvimento: o futuro: falaremos, vamos começar, vamos falar; durante o desenvolvimento do discurso: o verbo no modo imperativo: vejamos, falemos, próximo ponto; depois do desenvolvimento: o pretérito: falamos, vimos, entendemos, conforme foi visto;

c) Na passagem da fala para outro integrante do grupo são comuns marcas linguísticas como: agora o integrante vai abordar..., que vamos ver com o integrante...;

d) Na introdução de recursos ilustrativos: o gráfico exemplifica, a imagem mostra, como por exemplo;

e) Na reformulação de algo que já foi dito: ou seja, isto é, melhor dizer, ou melhor.

Em nosso *corpus* de análise encontramos algumas dessas marcas linguísticas, exemplos:

- a) Na organização temporal e espacial do discurso: “naquela época”, “nesse contexto”;
- b) No emprego dos tempos verbais: antes do desenvolvimento: o futuro: “nós vamos falar”, “primeiro nós vamos ver”, “introduziremos o assunto”, “a gente vai falar”; depois do desenvolvimento: o pretérito: “como a gente falou”, “como a Marilde falou”;
- c) Na reformulação de algo que já foi dito: “o Seu Irineu quis dizer que”.

Contudo, os alunos/grupos não usam mecanismos para especificar a passagem da fala para outro integrante e, como não apresentam recursos ilustrativos, também não utilizam essas marcas, apesar de introduzirem os trechos que leem para exemplificar com marcas como “eu vou ler”, “vou ler um fragmento do livro”, “por exemplo, na frase”. É interessante destacar que, durante o desenvolvimento os alunos não utilizam o verbo no modo imperativo, como proposto por Chaves (2008), continuam usando os marcadores no futuro, por exemplo: “vou falar”, “eu vou explicar”.

Sobre os mecanismos enunciativos, a voz do autor empírico (STRICHER, 2014) é assumida nos seminários. Como citamos, os alunos utilizam marcas linguísticas que assumem a responsabilidade da enunciação, empregando sempre a primeira pessoa do plural ou do singular. E, a respeito dos modalizadores, a modalização epistêmica (STRICHER, 2014) prevalece nas exposições, afinal, os autores, enquanto especialistas, procuram transmitir um conteúdo certo, verdadeiro, pautado em conteúdos teóricos, ou seja, no eixo do conhecimento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com objetivo de nos aprofundarmos nas características que compõem o seminário, analisamos alguns exemplares do referido gênero, tendo como aporte teórico-metodológico o procedimento de análise elaborado pelo ISD, e como resultados observamos que se trata de um gênero que nasce e circula na esfera

escolar/acadêmica e pode ser uma adequada ferramenta para o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos que compõem a grade curricular, bem como instrumento de avaliação a ser utilizado como metodologia pelos docentes. Como características fundamentais, o seminário é formado pela abordagem aos conteúdos relacionados às disciplinas escolares/acadêmicas, sendo que o discurso que organiza esse conteúdo apresenta um entrelaçamento da predominância do discurso interativo e do discurso teórico, além de se constituir de uma sequência explicativa. Os alunos se posicionam como especialistas no assunto e, por isso, assumem a voz de um autor empírico ao realizar a exposição, assim como procuram transmitir um conteúdo verdadeiro e pautado no eixo do conhecimento. Vale ressaltar ainda que o seminário também é composto por elementos não verbais como movimentos corporais, variação e entonação da voz, pausas na fala.

Conhecidas essas características relativamente estáveis que formam o referido gênero, esperamos poder, como mencionado, colaborar com os sujeitos que fazem uso desse gênero em seus campos de utilização: o docente que pode de maneira mais objetiva avaliar a execução do gênero, levando em conta os elementos que o formam, e os discentes que mais conhecedores de todos esses aspectos possam realizar suas apresentações de forma mais segura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Paulo dos Santos de. **Os gêneros orais na escola**: uma abordagem do seminário nas aulas de língua portuguesa. 2010. 50 f. Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Paraíba, Guarapira, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-269.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, Dourados, MS, v. 6, n. 11, p.11-35, jan./jun. 2012. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php?journal=Raido&page=article&op=view&path%5B%5D=1687&path%5B%5D=1145>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

CHAVES, Maria Helena Rodrigues. **O gênero seminário escolar como objeto de ensino**: instrumentos didáticos nas formas do trabalho docente. 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral**: nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2012.

GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. 2005. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. O método de análise de textos desenvolvido pelo Interacionismo Sociodiscursivo. **Eutomia**, Recife, PE, v. 1, n. 14, p.313-334, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/523/567>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

### AN INTERACTIONIST VIEW ON THE SEMINAR

**Abstract:** This article aims to know the elements that form the textual genre seminar. With this in mind, we take as theoretical-methodological contribution the precepts of Socio-discursive Interactionism and use as a category the procedure of text analysis elaborated by said theoretical current, in order to identify, know and account all the specific and relatively stable characteristics of the genre in question. For this, we analyzed three examples of the seminar genre, available on the web, on the YouTube site; seminars produced by students of two courses, Letters and Law, of two institutions of higher education. The results pointed out the sphere and the social-communicative function of which the seminar is part and the elements that form the context of production and the textual infrastructure of the genre.

**Key words:** Seminar; Text Genres; Socio-discursive Interactionism.